

Herculano tradutor e intérprete do romantismo europeu

Este contributo pretende evidenciar o lado menos visível, embora conhecido, do escritor Alexandre Herculano que, talvez em virtude de uma formação intelectual pouco comum, já que não teve oportunidade de fazer estudos universitários, e de circunstâncias políticas especiais que o levaram ao exílio, acabou por conhecer várias línguas europeias e visitar países que nas primeiras décadas de Oitocentos não estavam ainda nas rotas mais percorridas por intelectuais e curiosos. Lembra-se a opinião de Jorge de Sena, em “Sobre o Perspectivismo Histórico-Literário” (e noutros ensaios), em que se afirma sobre Herculano que foi, a par de Garrett, uma das figuras esmagadoras do romantismo português, da envergadura das figuras mais consagradas da literatura europeia do seu tempo. Pode parecer que o reconhecimento de tal saliência seja incompatível com uma abordagem que pretende sublinhar a atenção do autor português às letras estrangeiras. Um autor romântico é por princípio um defensor da originalidade, que se tornou programática na fórmula corrente na Alemanha já no último quartel do século XVIII, a *Originalgenie*, antes ainda de Herculano ter nascido. A verdade é que original e réplica, sabemos hoje em pleno período pós-moderno, são conceitos simétricos e também sobrepostos, abordagens dialogantes e abertas de fenómenos complexos e intimamente contraditórios.

Evidenciar as relações de Herculano com as culturas europeias, sobretudo com a alemã, a que mais admirou, é assim mais uma forma se sublinhar a sua intensa singularidade, num século em que o contacto cultural com o estrangeiro raramente ultrapassou Paris e quase sempre, como a veia satírica de Eça não se cansa de lembrar, de forma servil e acrítica.

Todos os biógrafos de Herculano, porém, e sobretudo a obra monográfica de Vitorino Nemésio insistem na sua ligação às letras alemãs, sendo justamente conhecido o capítulo “O Magistério de Alcipe e a Iniciação Germanística” a que o último investigador dá grande realce na formação do jovem Herculano. Contudo, o germanismo de Herculano tem permanecido uma fórmula frequentemente repetida, mas com pouco conteúdo, sobre o qual abundam declarações sumárias e não fundamentadas em factos.

Antes de Herculano só a Marquesa de Alorna terá dado verdadeiro eco aos tons sombrios do romantismo que despontava na Alemanha e em Inglaterra, entretanto afrancesado por Madame de Staël que, no seu *De L'Allemagne*, o difundiu entre os seus compatriotas depois de ter convivido com Goethe e sobretudo com os irmãos Schlegel em Weimar e Jena. Por isso, aquando da publicação póstuma das obras de Alcipe, Herculano chama-lhe a “Staël Portuguesa”¹ no seu elogio publicado no *Panorama*, revelando pela primeira vez o magistério que lhe devia e o convívio que com ela mantivera enquanto jovem autor.

Ainda assim, atendendo à data tardia da publicação da obra da Marquesa na década de 40, em 1844, já em pleno período romântico, teremos de considerar Herculano e Garrett, muito mais jovens, os verdadeiros divulgadores e cultores do romantismo além-Pirenéus e os primeiros autores românticos portugueses, constituindo o chamado pré-romantismo português uma invenção retrospectiva da história literária do século XX, útil sem dúvida, para consolidar sintomas de antecipação de tendências irreversíveis e de fenómenos de “simultaneidade do não-simultâneo”, como lhes chamou Werner Krauss, que frequentemente caracterizam as épocas cismáticas e de transição². Passando directamente ao assunto em questão, teremos de recorrer ao estudo, já mencionado e ainda hoje marcante e incontornável, de Vitorino Nemésio sobre o jovem Alexandre Herculano. As fontes para a compreensão do seu percurso literário, do seu gosto e opções encontram-se aí, embora continuem a faltar elementos que nos permitam conhecer com exactidão até que ponto aprofundou algumas das suas tendências e opções. É possível até certo ponto situar o momento mais intenso de estudo da língua alemã e de interesse pela tradução de algumas obras, pelos meados da década de 30, embora os dados rigorosos escasseiem, mas parece pertinente aceitar que o autor estudou o alemão ainda muito jovem, porém sem ter adquirido grande proficiência na escrita, ao contrário da leitura. D. Carolina Michaëlis

¹ “Como Madame de Staël, ela fazia voltar a atenção da mocidade para a arte da Alemanha...”, A. H., OP IX, p 278.

² Costa, Fernanda Gil. “Ocaso de Alcipe na Construção do Pré-Romantismo Português”. *Poiética do Mundo*. Lisboa: Colibri, 2001. 609-619.

classificou como “magníficas adaptações” as traduções de Herculano de “O Caçador Feroz” e “Leonor”, de Bürger (na sua auto-apreciação o autor foi, contudo, bem mais modesto). Seja como for, o peso da tradução na sua obra publicada e conhecida é ínfimo, embora alguns exemplos sejam testemunhos fundamentais sobre a sua forma de utilização das fontes. Algumas das traduções concluídas foram publicadas em jornais da época, especialmente no *Repositório Literário* e n’ *O Panorama*, constituindo exemplos do maior interesse para avaliar a originalidade de Herculano enquanto intérprete e leitor e a sua preparação como escritor, o diálogo criativo e insubmisso que manteve com as fontes sempre que as usava para a sua própria produção, mantendo uma autonomia quase total mesmo no caso de traduções directas, a que talvez por isso preferiu chamar “versões”.

Tomando em primeiro lugar os textos programáticos literários de Herculano, muito escassos, publicados ocasionalmente na imprensa, podem citar-se “Poesia: Imitação-Belo-Unidade”, que Vitorino Nemésio considera “o seu manifesto romântico” (publicado no nº 3 do *Repositório Literário*, 1834), e ainda “Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela hoje tem a seguir?” (*Repositório Literário*, nº 1 e 2, 1834) e “Poesia” (publicado em *O Panorama*, vol. 1, nº 8, 1837) que Carlos Reis e Maria da Natividade Pires incluíram na *História Crítica da Literatura Portuguesa*.

A lição de Herculano é muito próxima da alemã professada pelos Irmãos Schlegel, doseada com sensatez de partes de nacionalismo, europeísmo e respeito pela antiguidade clássica, como pode ler-se no seguinte excerto tirado do *Repositório Literário* de 1834: “Diremos somente que somos românticos, querendo que os portugueses voltem a uma literatura sua, sem contudo deixar de admirar os monumentos da grega e da romana; que amem a pátria mesmo em poesia”. E orientando-se por uma nova bússola que em termos schlegelianos poderíamos chamar um “discurso sobre a mitologia”, Herculano defende que se substituam os deuses e heróis gregos e romanos pela “nossa mitologia nacional na poesia narrativa; e pela religião, pela filosofia e pela moral, na lírica”. Falta apenas uma exortação à nova ciência para que o quadro de valores românticos da Escola de Jena, publicados na revista *Athenaeum* nos dois últimos anos do século XVIII, aqui se reveja por completo.

As versões, como o autor significativamente lhes chama, não traduções, foram incluídas no volume da primeira edição de *Poesias*, em 1850 (com diferenças face à lição publicada no *Repositório*)³. Sendo em pequeno número, destacam-se as traduções de Bürger já aludidas, e sobretudo

³ Cf. variantes do poema no volume XXI do *Dicionário* de Inocêncio, 357 e 442.

“Leonor” (*Lenore*), a balada fantástica e de inspiração funérea que viria a conhecer imitações e réplicas de todo o tipo nas gerações românticas seguintes.

Sobre o poema e o seu autor alemão escreveu o poeta uma longa introdução no *Repositório Literário*, em 1834, na qual destaca especialmente a popularidade do texto em terras alemãs, dado o seu contributo para a recuperação das tradições nacionais. Quanto à tradução lamenta com modéstia (exagerada) “o nosso apoucado conhecimento daquela riquíssima língua; bem longe estamos portanto de julgar que demos em linguagem as graças e a rapidez descritiva do original”.

Herculano ensaia de facto uma forma de tradução que surpreende pela sintonia com o melhor e mais moderno que se pensava lá fora, precisamente na Alemanha, onde a tradução a partir de 1750 é intensa e acompanhada pela reflexão e dedicação dos escritores mais importantes (a título de exemplo podemos citar Goethe, Schiller e os Irmãos Schlegel) e pela modernidade e antecipação de opções que correspondem a uma cuidada maturação do trabalho tradutológico. A actividade de tradução é na Alemanha do século XVIII construtiva e indispensável, como normalmente acontece em sistemas literários secundários, já que a importação de originais através da tradução se torna indispensável à revitalização das letras nacionais. Veja-se o exemplo das traduções de Shakespeare que, para além do efeito directo no movimento de ascensão dos Teatros Nacionais, contribuiu para a canonização do autor inglês dentro e fora de Inglaterra.

Sem o saber, porque não teve oportunidade de os ler, contemporâneos de Herculano como os Irmãos Schlegel, Schleiermacher e Goethe, todos eles autores de textos teóricos sobre tradução e as suas metodologias, criadores de alternativas que se impuseram rapidamente aos modelos franceses de adaptação, abafamento e apropriação de todo o elemento estranho/ estrangeiro ao bom gosto francês, então ainda dominante, Herculano utilizou os preceitos mais inovadores das novas tendências nas traduções que elaborou cuidadosamente, com intensa e silenciosa maturação, optando por manter, com grande sentido de oportunidade, o elemento de estranheza da cultura estrangeira.

Vejamos um exemplo. No original de “Lenore” encontramos trinta e duas estrofes de oito versos (156 versos em oitavas), uma estrutura baladesca que inclui diálogo e rápida progressão narrativa transposta em abundância de pausas e interjeições, rima emparelhada e cruzada e recurso frequente a onomatopeias. Na tradução portuguesa temos uma opção por quadras em redondilha maior (161 versos), a adaptação criteriosa dos diálogos e da estrutura narrativa da balada e uma cuidada replicação das onomatopeias e seqüências de aliteração. O resultado é inegavelmente surpreendente, já que o poema português se toma facilmente por um original sem que haja

naturalização, isto é, mantendo bem presente a estranheza do original. A influência que exerceu nas jovens gerações é a prova insofismável da sua capacidade de inovar e seduzir.

Se atendermos aos antecedentes, as traduções de Gessner que Hernâni Cidade destacou como batedores do percurso romântico, de facto não o foram, não só porque traduzidas de outras em francês, como também porque mantiveram entre nós todos os estandartes essenciais do gosto neoclássico, incluindo a substituição da prosa poética por decassílabo⁴.

Herculano acompanha o pensamento mais inovador dos seus contemporâneos europeus que importam novos e fecundos modelos para revigorar as letras das línguas nacionais espartilhadas pelas poéticas de inspiração greco-latina e antecipa, de facto, opções tão modernas nos estudos de tradução como os da Escola de Telavive e outras do século XX tardio, que vieram reconhecer a necessidade de importação de modelos de sistemas literários dominantes, por parte de sistemas secundários, como era o português, para introduzir a novidade e a progressão dentro do sistema literário praticamente esgotado pelo arcadismo e seus epígonos, incapaz de se impor a um público aburguesado e ansioso por novos cânones de leitura.

O método de tradução de Herculano, mitigando com sensatez processos de apropriação e estranhamento nos textos traduzidos é sem dúvida bem sucedido na empresa de introduzir na literatura portuguesa um novo ambiente poético que os poetas ultra-românticos explorarão (melhor ou pior) até à exaustão.

Como vimos, Herculano reconhece em Bürger a inovação de trazer para o alemão literário o hábito e o ritmo próprios das tradições populares da sua língua e compreendendo isso mesmo no idioma estrangeiro, tenta transpô-lo para a língua portuguesa usando a redondilha maior e a quadra, falhando por vezes a rima, mas aligeirando o ritmo com interjeições e pausas, e replicando habilmente, como se disse, a linguagem de tonalidades onomatopaicas e as aliteraões de cariz popular. A fidelidade ao original é sem dúvida uma preocupação, mas a intencionalidade que reconhece no texto do autor alemão, no sentido de recuperar estruturas e formas literárias e prosódicas da tradição popular, torna-se determinante e leva Herculano a replicar o movimento, buscando a tradição mais popular da poesia portuguesa, a quadra em redondilha maior. Quando se lê o lamento de Leonor:

“Morreu-me , oh mãe, a esperança.
Perdido... tudo é perdido.
Morrer, também, só me resta.
Nunca eu houvera nascido!”

⁴ Cf. Costa, Fernanda Gil. “Salomão Gessner: Um Episódio Português”. *Dedalus* 1995; 185-203.

é a lírica popular portuguesa que entra no ouvido; tal como a narração da cavalgada do noivo morto que à sepultura conduz a noiva inconsolável.

“Ei-los vão! Soa a corrida.
Ei-los vão! À fula-fula!
Ginete e guerreiro arquejam:
A faisca, a pedra pula.”

E os elementos funéreos, que tanta intensidade emprestarão ao ultrarromantismo que rapidamente esgotará a novidade, estão presentes no melhor gosto do registo de Oitocentos, como podemos ouvir numa das quadras finais:

“Dos covais surgem fantasmas:
Feio urrar os ares corta;
Bate incerto o coração
Da donzela semimorta.”⁵

À luz da teoria do polissistema literário teorizada por Gideon Toury e por Even-Zohar da Escola de Tradução de Telavive⁶, que desenvolve e amadurece os estudos de Mukarovskij nos anos 20 sobre o dinamismo interno do sistema literário, entre centro e periferia, bem como a sua interacção permanente com outros sistemas, Alexandre Herculano é como intérprete e tradutor do romantismo europeu, especialmente do romantismo alemão, um factor de multiplicação e dinamização de inovações que mantém vivo e activo o sistema literário português depois da guerra civil e do exaurido neoclassicismo. Embora membro um pouco insólito da Tebaida de Assentis, Herculano aproveita os seus conhecimentos de línguas vivas (e talvez a escola um pouco marginal mas aberta às novidades dos Oratorianos de São Filipe Néri) para escancarar, como hoje diríamos, em plena crise, a janela de oportunidade que o conhecimento do “outro”, do estrangeiro, lhe pode trazer. Não pode hoje haver dúvidas sobre o seu contributo para o rasgar de horizontes das letras nacionais e para a fundação de um movimento romântico intrinsecamente português (o seu papel como historiador é igualmente incontornável neste contexto) que não foi cego ao romantismo europeu.

⁵ “O Mutter, Mutter! Hin ist hin!// Verloren ist verloren./Der Tod, der Tod ist mein Gewinn! O waer ich nicht geboren!”

Und weiter, weiter, hopp, hopp, hopp!/Ging’s fort in sausendem Galopp./Dass Ross und Reiter schnoben/ Und Kies und Funken stoben.

Geheul! Geheul aus hoher Luft./Gewinsel kam aus tiefer Gruft./Lenorens Herz mit Beben/ Rang zwischen Tod und Leben.

⁶ Toury, Gideon. “The nature and role of norms in translation”. *The Translation Studies Reader*, ed. Lawrence Venuti. London/New York: Routledge. 2000. 198-212; e Even-Zohar, Itaman. “The position of translated literature within the literary polysystem”. *Idem*. 192-197.